



ESPORTE VERSUS CULTURA BASEADOS NOS CAMINHOS DE GUIMARÃES ROSA

Enfim, é chegada a hora de escrever tudo sobre esse projeto, quando começou, aonde, como, as pessoas envolvidas, as primeiras ideias e suas evoluções, e onde estamos hoje, com metas mais ousadas, e um projeto ainda mais ambicioso.

Em 2001 compramos a Fazenda Paulista, de lá para cá, foram anos recebendo pesquisadores, estudiosos e amantes da cultura Roseana, foram muitos, de brasileiros a canadenses, passando por espanhóis e alguns surpreendentemente de países árticos, como Finlândia. Uns de carro, outros de vans, alguns de bicicleta e até a pé teve.

Achamos então que realmente preservar aquela fazenda, a sua sede e seus traços era algo fundamental, e assim, as sucessivas reformas que fizemos, sempre buscaram preservar os traços da casa. E hoje posso dizer com total responsabilidade que temos a fazenda mais preservada do caminho, desde a casa, até as instalações de uma forma geral.

Mas afinal que caminho é esse?

Qualquer lugar por onde passam pessoas, carros, bicicletas, andarilhos, viajantes, ele te leva de algum lugar a outro, para mim isso é um *caminho*.

Mas esse foi um caminho que serviu de inspiração para um dos maiores autores brasileiros do mundo moderno. Foi baseado no que viveu enquanto o percorria que ele escreveu o melhor romance brasileiro do século passado.

Mas que caminho é esse que inspirou um homem, brasileiro, natural de Cordisburgo, a escrever esse livro, que hoje é admirado por pessoas do mundo inteiro?

Essa é uma história que começa em 1952, quando Guimarães Rosa, Joãozito, recebeu uma carta de Criolo, pedindo a ele que resolvesse uma papelada de um carro que havia comprado e esta no porto aguardando liberação. Joãozito rapidamente o ajudou, e ainda disse que a seu primo que poderia ficar em sua casa na ocasião de buscar o veículo no Rio de Janeiro.

E assim foi, passado alguns dias, desembarca Criolo na antiga capital federal. Depois de conversa pra lá, conversa pra cá, Joãozito lhe pediu um favor:

“- Criolo, gosto muito do sertão, e escrevo sobre ele, mas me falta viver o sertão, me falta senti-lo, viver como os vaqueiros.”

Foi então que Criolo disse:

“Olha Joãozito, daqui alguns dias vai sair uma comitiva da Sirga até a Fazenda São Francisco, leva 7 dias, se quiser posso mandar subir com minha mula para você.”

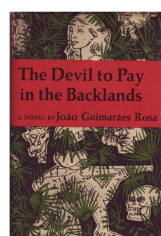
E assim foi feito, passados alguns dias Guimarães Rosa chegou a Sete Lagoas, na casa de seu primo Criolo, e de lá seguiram de carro até a Sirga, Fazenda próxima a Três Marias, pertinho do Rio São Francisco. Chegaram uns dias antes, para que Joãozito, pudesse se adaptar a rotina de andar a cavalo. Foi nesse momento que ele conheceu uma pessoa que mais tarde seria um grande amigo, Manuelzão. Vaqueiro de poucas palavras e encarregado da Fazenda da Sirga e agora instrutor de *lida* de Guimarães Rosa.

Essa adaptação durou 2 dias. E no dia de partir, lá estava Guimarães Rosa, pronto, ansioso, e com sua famosa caderneta dependurada no pescoço, anotando tudo, o que via e ouvia, e quando não entendia, recorria a Manuelzão, aquele mesmo, de poucas palavras.

Criolo somente foi embora no dia seguinte, receoso, resolveu ir a Andrequice, local onde dormiriam a segunda noite, para ver se Guimarães estava bem. Ele tinha medo de que ele não suportaria. Mas para a sua surpresa, se deparou com um homem feliz da vida, do tipo daqueles que estão realizando um sonho. E que disse ir até o final. E assim foi.

Terminado a jornada Guimarães foi-se embora e passados alguns anos, em janeiro de 1956 ele lança *Corpo de Baile* e em maio, *Grande Sertão: Veredas*. Na época foi alvo de críticas e amores vorazes. Com o sucesso alcançados foi publicado em vários idiomas

Figura 1 - Traduções feitas mundo a fora



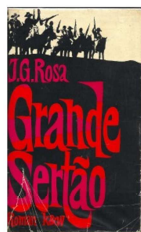
Inglaterra:
The Devil to Pay in the Backlands [Grande Sertão: Veredas]. Tradução James L. Taylor e Harriet de Onís. New York: Knopf, 1963.



Dinamarca:
Djævelen på Vejen [Grande Sertão: Veredas]. Tradução Peter Poulsen. Kopenhagen: Samlerens Bogklub, 1997



Catalunha:
Gran Sertão: riberes. [Grande Sertão: Veredas] Tradução Xavier Pàmies. Barcelona: Edicions 62, 1990



Alemanha:
Grande Sertão: Roman. [Grande Sertão: Veredas]. Tradução Curt Meyer-Clason. Munique: DTV, 1994.



Holanda:
Diepe Wildernis: De Wegen [Grande Sertão: Veredas]. Tradução August Willemsen. Amsterdam: Meulenhoff, 1993.



Eslováquia:
Vel'ká Pustatina [Grande Sertão: Veredas]. Tradução Ladislav Franek. Bratislava: Vavrin, 1980



Na época recebeu três prêmios nacionais: o Machado de Assis, do Instituto Nacional do Livro em 1961 o Carmen Dolores Barbosa, de São Paulo em 1957; e a Paula Brito, do Rio de Janeiro. A publicação fez com que Guimarães Rosa encabeçasse a lista tríplice, composta por Clarice Lispector e João Cabral de Melo Neto, como os melhores escritores da terceira geração modernista brasileira.

Em 2002 recebeu do *The Guardian*, o prêmio dos 100 melhores livros de todos os tempos.

E eu, o projeto da corrida, da peregrinação, onde entramos nisso?

Na roça, temos um hábito de escutar muito, não se gosta muito de falar, nem de perguntar, gostamos de observar, apenas e simplesmente olhar e escutar, por isso colocamos mesas fartas, para que as visitas possam ao sentar para se fartar, nos contar o que sabem. Era assim que ficava sabendo das coisas, notícias, leis, guerras numa época onde a luz e o rádio eram tecnologia de ponta e poucas fazendas a tinham.

Durante anos na fazenda fui à semana Roseana em Cordisburgo, e observava o encantamento das pessoas com aquele local, que para muitos, era apenas mais uma cidade pobre de um país cheio de desigualdades. Algumas pessoas ficavam admiradas a terra, isso mesmo, agachavam-se enfiavam as mãos de terra, esfregavam as mãos e aí nesse momento, via-se o naquele rosto um sorriso mais sincero, como se aquele gesto a levasse a um tempo distante, sabe, uma máquina do tempo.

Aquilo me intrigava. A intriga chegava até a ranger os dentes quando escutava o pessoal recitar o livro, cada palavra, cada acento gráfico, cada ponto. Como podia uma pessoa lembrar cada detalhe de um livro, que unanimemente é muito difícil de ser lido, como podia todo mundo que o leu, o recitar, lembrar de cada cena do livro.

E diante de tanta dúvida, procurei um cara, melhor, O cara, Brasinha, atualmente uns dos maiores conhecedores da vida de Guimarães, da cultura sertaneja, uma pessoa com uma forma de enxergar a vida de um ângulo diferente, nem melhor, nem pior, mas bem única, como ele diz, de um sertanejo. Começamos a conversar por volta de 2009. Com uma pergunta, que partiu de mim, lembro-me dela como se fosse hoje – Brasinha, porque no museu do Guimarães Rosa não tem uma placa indicando o caminho que ele fez, e marcando alguns pontos, como lá na fazenda, fico vendo você comentando lá de casa, e o pessoal querendo ir, mas não sabe como chegar, nem aonde ir?! – Ele respondeu com um sorriso, único, de quem tem paciência com a vida.

Passados alguns anos ocorreu um evento com repercussão nacional, um sobrinho de Manuelzão, o jornalista Pedro Fonseca, refez a comitiva feita em 1952, em 6 meses ele conseguiu juntar toda a mídia nacional, abrir alguns trechos de estrada, que não existia mais, juntar 300 bois, e uma lista de espera enorme para poder participar.



Essa jornada também serviu para que ele pudesse terminar a única biografia de Manuelzão, era o que faltava para o livro ter a cara de Manuelzão. Pedro acreditava que a comitiva era o que faltava para que o caminho ganhasse vida própria, mas infelizmente isso não ocorreu. Ao final ele lançou um livro, *O xale de Rosa*, a única biografia de Manuelzão.

“Este caminho, o único que Guimarães Rosa percorreu no Sertão das Gerais, precisa ser demarcado de forma definitiva. Depois é preciso pensar no tombamento de todos os pousos. Sem falar no incremento a cultura, com o tombamento dos bens materiais e imateriais que existem nos caminhos trilhados.”

Trecho do livro *Xale de Rosa*, 2007.

“Pensava diariamente na vida daqueles nobres vaqueiros que faziam esta viagem cotidianamente de forma franciscana. A partir daí passei a entender porque eles eram tão amigos, quase uma família.”

Trecho do livro *Xale de Rosa*, 2007.

“esse caminho deveria ser todo marcado, divulgado, um caminho cultural contemplativo e reflexivo.”

Pedro Fonseca, organizador da comitiva de 2007.
e autor do livro *Xale de Rosa*.

E aí que eu entro, em 14 de janeiro de 2014, conversando com um organizador de Ultramaratonas no Brasil, falei a ele que tinha o percurso único no mundo, que apesar de ser muito duro, corta o sertão mineiro, em uma das regiões mais áridas do estado, porém encantadora, as belezas daquele lugar não são encontradas em mais nenhum lugar no mundo, o que se vê lá, não se enxerga nem dos mais altos cumes do mundo.

Ao voltar a belo Horizonte, dias depois dessa conversa, tentei alguns contatos com ele, mas sem sucesso, e aí, percebi que seria eu o organizador dessa prova, a Ultramaratona Caminhos de Rosa. Uma corrida com mais de 250 km, que pode ser feita a pé ou de mountain-bike, individualmente ou em equipes de até 5 pessoas, de forma ininterrupta, em uma época seca, onde o sertão mostra toda sua força, e sua beleza, únicas nessa época do ano, em setembro.



No começo foi difícil, o caminho se perdeu, ninguém sabe, tive que ir garibando trecho a trecho, de acordo com a disponibilidade de cada pessoa, e assim fui montando. Alguns dias conseguíamos marcar apenas 20 km, outros nenhum. Nem mesmo circuitos voltados para a promoção da cultura Roseana tinha o caminho, museus, ninguém sabia o caminho, apenas algumas poucas pessoas, a Raquel, Pedro Fonseca, Brasinha, Criolo Filho, Fatima e Zé Maria poucos, muito poucos.

Foram vários finais de semana percorrendo por estradas de terra, sem ao menos saber se estava certo ou errado, cedo ou tarde, qualquer minuto era precioso. São muitas coisas para se fazer. E já era copa do mundo no Brasil, todos pararam para ver a bola rolar e eu, com a Raquel peregrinando pelo Sertão, sozinhos, correndo um sonho.

Enfim o caminho já estava marcado, e agora, o que fazer, como, quando... as perguntas não paravam, as respostas não chegavam, por mais que eu conversasse, pesquisasse, as perguntas mudavam. Mas com a ajuda de todos fui construindo uma historia, e em cima dela, a corrida.

As prefeituras envolvidas, Sete Lagoas, com o secretario de esportes, o Cesar, Cordisburgo, com o prefeito Ideu e sua magnifica secretaria de turismo, Raquel, Três Marias com as secretarias de comunicação, esportes, turismo e do prefeito. Fatima e Zé Maria, dois entusiastas, Fatima, primeira-dama e vereadora, Zé Maria, seu marido prefeito de Morro da Garça, me chamaram de louco, pois há anos buscavam algo que pudesse promover o caminho e de repente aparecia eu e a proposta. Nenhum deles ajudaram financeiramente, mas ajudaram com mais, com carinho e dedicação de suas equipes de trabalho, queríamos um apoio da população, queria deixar um legado positivo para essas cidades, que a corrida de alguma forma pudesse ajudar no desenvolvimento social, econômico e cultural por onde ela passasse.

CAMINHOS DE ROSA, A ULTRAMARATONA.

Falar dessa corrida para mim é como relatar um sonho, daqueles em que a ultima coisa que se quer, é acordar, viver ele plenamente, é a minha realização de vida.

Quando comecei a desenhar o evento, com regulamentos, trajetos, me apoiei em alguns pilares, da qual não abro mão, são minhas diretrizes:

- Valorizar o ser humano, sempre, seja atleta, colaborador ou pessoas que moram pelo caminho;
- Ser um evento que atenda aos padrões internacionais de qualidade e segurança, e que num futuro seja referência em organização de eventos para o Brasil e o mundo;
- Ter um evento versátil para que possa se adaptar frente às mudanças de mercado e comportamento de atletas, colaboradores e moradores;
- Trazer desenvolvimento socioeconômico para a população no entorno do caminho;



- Promover a cultura através do esporte e o esporte através da cultura. Tornando o evento único no Brasil e no mundo.
- Favorecer a integração cultural entre moradores envolvidos e atletas dos mais diversos locais do país e do mundo.
- Divulgar a cultura local.

Valorizar o ser humano, sempre, seja atleta, colaborador ou pessoas que moram pelo caminho.

É um comprometimento da organização que as relações entre todos os envolvidos sejam cordiais e respeitadas, e acreditamos que esse seja um grande diferencial dos grandes eventos hoje. Um exemplo prático é ter as medalhas e troféus feitos por artesãos locais, que além de valorizar o trabalho dos artesãos, que valoriza não só o cidadão, associações de artesãos, mas toda uma cultura, uma região, e faz com que cada participante leve um pedaço daquele lugar consigo.

Ser um evento que atenda aos padrões internacionais de qualidade e segurança, e que num futuro seja referência em organização de eventos para o Brasil e o mundo;

Nossa meta é colocar o Brasil no hall dos grandes eventos mundiais. Com forte envolvimento da população local em torno do evento, conscientizando eles da importância do evento no seu cotidiano e a importância deles para o evento.

Ter um evento versátil para que possa se adaptar frente às mudanças de mercado e comportamento de atletas, colaboradores e moradores;

Queremos sempre inovar, ter conosco as mais recentes tecnologias que podem ser aplicadas ao esporte. Estar atento sempre a novas demandas desse mercado que cresce, muda e se adapta de forma espantosa. Para isso vamos abrir as portas para instituições de pesquisas, empresas de tecnologia e não menos importante, um canal de comunicação constantemente aberto a atletas e colaboradores.

Trazer desenvolvimento socioeconômico para a população no entorno do caminho;

Na busca de trazer um impacto positivo para a população local pensamos constantemente em como podemos ajudar no desenvolvimento de onde atuamos:



- Todos os troféus e medalhas serão feitos por artesãos locais. A partir de valor e quantidades pré-definidos, incitando artesãos e suas associações a criar as medalhas e troféus a serem usados.
- Na contratação de colaboradores, dar preferência a moradores das cidades envolvidas;
- Organizar uma corrida infantil gratuita para os moradores das cidades envolvidas, com o mesmo padrão de qualidade da corrida principal. O objetivo é estimular as crianças a praticas esportivas, valorizando a participação no esporte. A presença de atletas amadores nacionais e internacionais, de diversas classes sociais será como uma “prova” da capacidade humana de superar limites e pré-conceitos. Não deixar de valorizar a importância de educadores e escolas na formação dessas crianças;
- Ajudar na participação e/ou elaboração de eventos e projetos que promovam a cultura regional e seus projetos.

Promover a cultura através do esporte e o esporte através da cultura. Tornando o evento único no Brasil e no mundo.

O projeto Miguilins, os contadores de historia, que ensina crianças a ler Guimarães Rosa, não só ler, mas contar suas historias, vem a anos valorizando a importância das obras de Guimarães Rosa, isso despertou nos moradores locais um sentimento de valorização de sua cultura, da sua forma de vida, e de seus valores. Com isso hoje tem dezenas de causos sobre sua passagem por lá, algumas verdades, outras apenas para reviver ainda mais a importância desse autor brasileiro e suas passagens.

E acreditando nisso, nesse regionalismo cultural que no briefing que antecede o evento, teremos sempre a apresentação de um grupo cultural local, seja os meninos contadores de historia, grupos de dança folclórica, violeiros ou qualquer outra apresentação que expresse a cultura regional. O evento será sempre em praça publica e aberto a todos.

Atualmente o evento passa em um museu e uma casa de cultura, em Morro da Garça todo evento ocorre na Casa da Cultura, e a chegada em Cordisburgo é no Museu Guimarães Rosa. Além disso todos os atletas ganham uma cortesia para visitar o museu em Cordisburgo.

Promoção do desenvolvimento de novos conhecimentos

Os esportes de *endurance* de longuíssima duração estão cada vez mais presentes na vida de atletas e da sociedade em geral, porém falta conhecimento científico sobre essa nova modalidade, e



a Caminhos de Rosa vai abrir espaço para que universidades e profissionais do esporte usem o evento como um grande laboratório no desenvolvimento de suas pesquisas.

Favorecer a integração entre moradores e atletas dos mais diversos locais do país e do mundo.

Com a corrida Kid's ocorrendo junto da entrega dos kit's, sucedido por um evento cultural, criaremos o espaço para que crianças, seus pais e atletas se comuniquem, interajam, relacionem-se. Criando um ambiente onde as crianças e seus pais possam acreditar no esporte, com exemplos de superação, com relatos de atletas das mais diferentes classes econômicas, das mais diversas profissões, que vão de pedreiro a executivos.

Dar oportunidade a grupos de corridas de empresas de se superarem juntos e juntos superar esse grande desafio.

Nosso evento, época do ano, distancias e locais

O evento sempre vai ocorrer em Agosto, na lua cheia, portanto a cada ano irá ocorrer em finais de semana distintos, para que os atletas possam usufruir de um belíssimo lual sertanejo, sempre com um céu limpo, afinal nessa época do ano não ocorrem chuvas na região.

O evento atualmente consiste de 4 provas, sendo duas de mountain bike, e duas de corrida. A mountain bike tem uma de 300 km, saindo de Três Marias, e outra de 140 km, saindo de Morro da Garça. A corrida tem uma versão maior de 250 km saindo de Três Marias e outra menor de 140 km saindo de Morro da Garça. Todos os eventos acontecem em uma única etapa.

A corrida de Mountain bike é hoje a maior prova non stop do mundo, já a corrida é considerada a mais dura da América Latina, não apresentando concluintes na categoria principal, a individual.

MASCOTE

Nosso mascote é o curupira, ele foi cuidadosamente escolhido e redesenhado, com alguns traços mais esportivos. A escolha dele se deve a uma serie de fatores:

- Resgatar o folclore brasileiro;
- Ser um corredor nato;

- Protetor da fauna e da flora.

Apresento a vocês, O curupira:



O folclore brasileiro é rico em personagens lendários e eu sou um dos principais, sabe daqueles do tipo famoso. Eu sou baixinho, dos pés virados do avesso, tenho o cabelo vermelho, parecido com fogo. E não é porque sou metido não, mas sou forte, muito forte, e digo mais, quero ver me pegar, tá pra nascer um sujeito que me acompanha numa corrida - Aiai!!!

Minha função é proteger as árvores, plantas e animais das florestas. Fico de olho aberto com os caçadores, lenhadores e pessoas que destroem as matas de forma predatória. Mas acho que vocês não vieram aqui no sertão para isso, não é?

Mas não se enganem comigo, não sou tão bonzinho assim, para assustar os caçadores e lenhadores, emito sons e assovios agudos, também crio imagens ilusórias e assustadoras para espantar os "inimigos das florestas", mas já soube que vocês passam por essas coisas sozinhos, isso é coisa de louco hein?! Dificilmente irão me ver, pois meus pés virados para trás servem para despistar os perseguidores e curiosos deixando pegadas e rastros falsos pelas matas. Nem vou falar da minha velocidade, é surpreendente, sendo quase impossível um ser humano me alcançar numa corrida.

Alguns contadores de lendas falam que adoro pregar peças naqueles que entram na floresta. Por meio de encantamentos e ilusões, deixo o visitante atordoado e perdido, sem saber o caminho de volta, fico observando e seguindo a pessoa, divertindo-me com o feito. Mas não se preocupem ouvi dizer que vocês vêm para o bem, e isso é bom, precisamos dessas pessoas no sertão. Espero que ao verem como ele anda, ajudem a conscientizar no uso racional de nossos recursos, se vocês não sabem Guimarães Rosa era um grande observador de pássaros, se encantava com o voo deles, quanta saudade dele!!!

A Caminhos de Rosa me pediu uma ajuda, e vou ajudar eles a cuidarem de vocês durante a prova, não quero que se percam, nem que se machuquem, pode ser até que apareça pela noite para dar um oi, ou mesmo deixar umas pegadas, vai que alguém duvide que eu exista, mas cuidado!!! - se aprontarem, podem ficar sem os tênis – hehehehe.

"Esse uso de um personagem no contexto de uma prova de corrida é um conceito novo no mundo das ultras.

É muito legal porque amarra toda a comunicação visual do evento e cria uma



identificação imediata com a cultura brasileira!”

Rodrigo Vilalba

Bibliografia sobre o Autor:

Bosi, Alfredo (org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1994.

Faraco, C.E. & Moura, F.M. *Língua e literatura..* São Paulo: Ática, 1996. v.3.

Fonseca, Pedro. *O xale de Rosa, 2007.1ª ed. Imprensa Universitária.*

Holzmayr, Rosenfield Kathrin. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Ática, 1996. (Roteiro de Leitura).

Macedo, Tânia. *Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1996. (Ponto por Ponto).

Perez, Renard. *Em Memória de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

Rosa, Vilma Guimarães. *Relembraimentos, Guimarães Rosa, meu pai*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

Santo, Wendel. *A construção do romance em Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1996.

Sperber, Suzi Frankl. *Guimarães Rosa: signo e sentimento*. São Paulo: Ática, 1996. (Ensaio).

Zilberman, R. *A Leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1989.

Web: <http://www.tirodeletra.com.br/ensaios/LinguagemocultadeGuimaraesRosa.htm>